

NEGRO LINGÜÍSTICA APLICADA: UMA LINGÜÍSTICA DA NEGRITUDE

MAICON FARIAS VIEIRA¹; LETICIA FONSECA RICHTHOFEN DE FREITAS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – maiconfariasvieira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – letirfreitas@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Problematizar as construções socialmente alicerçadas ao longo do tempo é uma premissa do meio universitário. As problemáticas apresentadas no seio das universidades, em geral, ainda que questionadoras, apresentam o olhar de pessoas brancas como caminho central para as discussões. O papel do negro na academia constantemente é alijado do que é alvamente apresentado como conhecimento científico. Não à toa, poucos são os cursos que se voltam a apresentar autores e epistemologias negras em suas grades curriculares, independentemente se em níveis de graduação ou pós-graduação.

No que tange à área de Letras, pode-se considerar a Linguística Aplicada (LA) como um espaço bastante progressista em relação a estudos que envolvam discussões de raça ao caráter social da linguagem. Sendo a linguagem o objeto de estudo da linguística, é preciso trazer para o centro dos estudos linguísticos a “atividade humana, na qual participam indivíduos com seus laços sociais, seus direitos e suas obrigações, e sobretudo com seus anseios e interesses que variam de acordo com o momento histórico que se encontram” (RAJAGOPALAN, 2003, p.44), sem que nos furtemos da importância do papel da raça nos diferentes momentos históricos.

No entanto, não andamos sozinhos para construir tais discussões. É necessário que busquemos as bases das ciências humanas e sociais e criemos encruzilhadas com a LA. Encruzilhadas estas dotadas de “interseções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações (MARTINS, 1997, p.25), capazes de trazer sustento epistêmico por meio de conhecimentos não cancelados pelo centro-oeste europeu. Epistemologias descentralizadas, pois na encruzilhada a própria noção de centro se dissemina ao passo que ela se desloca (MARTINS, 2003, p.70); presentes em transculturas, campos de possibilidades, práticas de invenção e afirmação da vida, rupturas e fusões, unidades e pluralidades em oposição a diálogos monológicos do mundo (MARTINS, 1997; 2003; RUFINO, 2019); confrontantes da matriz colonial de poder (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017); construídas na historicidade e na visibilidade dos saberes do sul (SANTOS; MENESES, 2009; SANTOS, 2018). Em suma, epistemologias que abrangem os caminhos e as encruzilhadas dos “modos de conduzir nossas existências” (MUNIZ, 2020).

Como já mencionado, a LA possui um caráter inclusivo sobre a análise de questões que envolvam a linguagem e suas intersecções de raça. Como exemplo, podem ser trazidos os estudos da linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006a). Este braço da LA, compreendido como contemporâneo, transgressivo e interdisciplinar, de “natureza do tipo de investigação autorreflexiva (...) que requer um exercício constante de atravessamento de fronteiras” (MOITA LOPES, 2006b, p. 26), permite que sejam contempladas múltiplas histórias sobre quem somos e sobre as sociabilidades - sem caráter impositivo (ADICHIE, 2019), trazendo para

a centralidade as “vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade, etc” (MOITA LOPES, 2006b, p. 27).

Contudo, mesmo estudos dentro da linha indisciplinar ainda demonstram o quanto a negritude pode ser utilizada nos meios acadêmicos, porém sem a existência central de corpos negros. Como afirma EDDO-LODGE (2019), ver raça é essencial para mudar o sistema e dismantelar estruturas injustas e racistas. Neste sentido, pode-se afirmar que a academia produz, majoritariamente, pesquisas *sobre* negros e não *com* negros. Mesmo com as ações afirmativas propostas a partir da Lei nº 1271, de 29 de agosto de 2012 (Lei de Cotas), a quantidade de negros nas universidades ainda é pequena, o que acarreta um pequeno percentual de pesquisas produzidas por pessoas negras e, *a posteriori*, um menor número de professores universitários autoidentificados como negros.

Tendo como base as reflexões apresentadas, este trabalho busca quebrar os estereótipos da neutralidade e padronização branca (EDDO-LODGE, 2019, p.81) nas produções de conhecimentos e bancos acadêmicos, propondo a construção de uma LA em que não apenas haja a participação de pessoas negras, como construída por estas, e pautada em concepções negrocentradas. A essa chamaremos *negro linguística aplicada* (NLA).

2. METODOLOGIA

A construção do trabalho possui como base a pesquisa bibliográfica, caracterizada pela análise de obras dos principais autores da área de LA de caráter transgressivo, bem como de autores que possuem suas produções nas áreas das ciências sociais e humanas com foco nas discussões de raça e negritude.

Compreendida a pesquisa bibliográfica como um tipo de pesquisa que vai além da revisão da literatura, implicando na proposição de conjuntos de procedimentos com a finalidade de apontar soluções (LIMA; MIOTO, 2007), inclusive teóricas, neste trabalho é apresentada a ideia da NLA como uma possibilidade de estudos conceituais, que contribuem para as discussões da linguagem como prática social, com ênfase nos preceitos da negritude (MUNANGA, 2020).

As conceituações que compõem este trabalho são parte de minha tese de doutoramento, a ser defendida ainda no corrente ano, no Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPEl), contribuindo para as discussões sobre a necessidade de materiais teóricos que comunguem com a temática da negritude no campo das Letras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A representatividade e a valorização dos saberes invisibilizados ao longo do tempo são a base para grande parte das pesquisas que perfazem a esfera racial negra. Comungar com as ideias de negritude e de uma necessidade de problematização do ideário de democracia racial brasileira, respectivamente propostas por Kabenguelê Munanga (2020) e Abdias Nascimento (2016), me fizeram refletir e questionar o papel do signo raça na LA, área a que voltei meus estudos. Ao propor uma revisão de literatura, me deparei com a informação de que os estudos da área que continham perspectivas de análise que, minimamente, tangenciassem as questões de raça eram trazidos por pessoas não negras.

Ainda que tais proposições sejam bastante significativas para as pautas antirracistas, evidenciando a participação de não negros também na defesa e invisibilização das vozes negras, sabe-se que “o negro tem problemas específicos que só ele sozinho pode resolver, embora possa contar com a solidariedade dos membros conscientes da sociedade” (MUNANGA, 2020, p. 19).

Então, torna-se necessária a construção de um construto teórico na área da LA que trate das mobilizações de raça não a partir dos movimentos do poder colonial, compreendidamente brancos e eurocêntricos, mas a partir das vozes negras aquilombadas. Estudos pautados na negrocentralidade não apenas falam de negros, mas carregam as vozes negras para o protagonismo das produções e difusões de conhecimento. Além disso, tornam as vozes negras audíveis para não mais serem nomeadas por narradores oniscientes que acreditavam ser portadores da normalidade pela *alvidez* de suas peles. Por assim dizer, estudos negrocentrados promovem uma “desintoxicação semântica e de constituição de um novo lugar de inteligibilidade da relação consigo, com os outros e com o mundo” (MUNANGA, 2020, p. 51), o que pode ser compreendido como negritude.

Assim, a NLA será uma vertente dentro da LA de caráter intransigente, produzida por negros e valorando as práticas histórico-sociais das pessoas negras, em um movimento de escuta das vozes racializadas. Também constituída pela problematização e reconfiguração do signo negro, como assim oportunamente fez a negritude, a NLA busca diferenciar-se dos duplos sentidos e, por isso, constrói-se na não concordância do termo *negra linguística aplicada*, por acreditar que muitas pessoas poderiam caracterizá-la como uma simples linguística de/com cor. Tal fato ignoraria a valorização das vozes do sul e a importância da prática social nas performances negrocentradas. Dessa forma, não demonstrar concordância, trazendo a *negro linguística aplicada*, revela os caracteres político e referencial de tal proposta. Uma proposta que aponta que a cor da pele negra basta à racialidade, mas não para uma vertente de estudo que acredita que é preciso performar dentro da identidade social negra para constituir-se na negritude.

4. CONCLUSÕES

A proposta de uma LA voltada a discutir as questões da negritude com negros em situação de protagonismo é o ponto chave que constitui esse trabalho. Tive aqui a intenção de apresentar como venho conceituando uma proposta de estudo que será utilizada por poucos (pois ainda somos poucos negros no meio acadêmico), mas que carrega duas premissas fundamentais:

- 1º. Propor uma agenda em que a negrocentricidade esteja em protagonismo tanto na participação quanto na produção das teorias e práticas antirracistas e anti-hegemônicas no campo da LA;
- 2º. Tornar as vozes negras audíveis através do reconhecimento dos modos de conduzir nossas existências, fazendo ecoar nossa rasura epistêmica denominada NLA.

A contribuição que trago ao longo deste trabalho é parte da conceituação teórica de minha tese. Na escrita final as discussões da NLA servirão de fio condutor para as análises de narrativas de professores universitários negros migrantes não anglófonos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. Lei nº1271, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 2012.

EDDO-LODGE, R. **Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

LIMA, T. C. S. MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 37-45, 2007.

MARTINS, L. M. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, L. M. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. **Revista Letras – Língua e Literatura: Limites e Fronteiras**, Santa Maria, nº 26, p. 63-81, 2003.

MIGNOLO, W. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 32. nº 94. p. 01-18, 2017.

MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 13-44.

MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNIZ, K. **Linguagem e identificação: uma contribuição para o debate sobre ações afirmativas para negros no Brasil**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Editora Parábola, 2003.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. In: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. **Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. p. 31-60.

SANTOS, B. S; MENESES, M. P. Introdução. In: _____. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Portugal: Ed. CES: conhecimento e instituições, 2009. p. 09-19.